

A relação entre arte e conhecimento na concepção trágico-dionisíaca nietzscheana da existência

The art and knowledge relationship in the Nietzsche's tragic-dionysian existence conception

Max de Filippis Resende
Doutorando do PPGF-UFRJ
Bolsista CAPES

Resumo: Na concepção trágica nietzscheana, o todo fenomênico do mundo se revela como um jogo de criação que se realiza através do conhecer humano. Assim, seria tarefa do homem assumir esse poder criador como seu próprio constituinte e como sua tarefa mais alta: a de imprimir formas ao devir. Entendemos que o filósofo carrega, até o final de sua obra, uma noção desta resposta grega ao desafio da vida que ele originalmente elabora em seus primeiros textos, desenvolvendo a partir daí importantes concepções de seu trabalho.

Palavras-chave: tragédia; dionisíaco; vontade de poder.

Abstract: In Nietzsche's tragic conception, the whole phenomenal world is revealed as a game of creation that realize itself through the human knowledge. Thus, would be man's task accept this creative power as his own constitutive and as his highest task: to print forms on the be-coming. We understand that the philosopher carries, by the end of his work, a sense of this Greek response to the challenge of life that he originally elaborated in his earlier writings, thereafter developing important concepts of his work.

Keywords: tragedy; Dionysian; will of power.

Entendemos que a formação do pensamento nietzscheano da “vontade de poder” dá-se através de sua compreensão do *trágico* na existência, uma concepção *trágica* da vida. Entendemos que Nietzsche carrega, até o final de sua obra, uma noção desta resposta grega ao desafio da vida que ele trabalha desde seus primeiros textos,

desenvolvendo a partir daí importantes concepções de seu trabalho. Nesta compreensão estará presente toda crítica ao racionalismo moderno e da história da metafísica clássica, e, mais importante, a proposta da superação disso que ele caracteriza como uma postura de negação do fenômeno de totalidade da experiência da vida através de uma consideração artística da existência. O todo fenomênico do mundo se revela em suas passagens como um contínuo jogo de criação que se realiza através do conhecer humano. Assim, seria tarefa do homem assumir esse poder criador como seu próprio constituinte, e, como sua tarefa mais alta: a de imprimir formas ao devir.

É na sua investigação sobre a relação entre arte e conhecimento que Nietzsche chega à formulação de sua proposta de um fazer filosófico que assuma toda sua força criadora na superação da metafísica clássica ou de uma “teoria do conhecimento” da Modernidade. Essas teriam operado no mundo uma extrema normatização categorizadora da existência em conceitos do entendimento para a representatividade ou adequação das formas fenomênicas às formas subjetivas da razão para a conformação das formas sensíveis às formas do entendimento, sua conceitualização. Mas, como se perguntará Nietzsche: “não é curioso exigir que um instrumento critique seu próprio acerto e competência? que o intelecto mesmo ‘conheça’ seu valor, sua força e seus limites? isso não foi até mesmo um contra-senso?” (NIETZSCHE, Aurora, Prefácio, §3). Como poderia a filosofia partir sempre desta contradição, para não dizer de um erro de princípio: o de usar a razão para julgar a si mesma? O que permitiria a ela tomar a si mesma como medida de verdade? Ter a si mesma como parâmetro? E ainda impor historicamente essa norma como padrão universal e verdade incondicional de todo o conhecimento possível? O que permitiria essa crença em uma intelectualidade pura e única como paradigma e condição de si mesma?

Para além destes questionamentos, aqui Nietzsche já nos está propondo a superação dessa teoria do conhecimento. Ele está a perguntar se não seria a vida algo maior que o intelecto? E, como fenômeno desta, que todo é esse do qual faz parte o pensamento? Como ele e tudo o mais vêm a ser? Seria mesmo possível destituir o pensamento da sensibilidade? Como “tirá-lo” daquele “todo fenomênico” do mundo e considerá-lo à parte?

Por isso, diante desta separação do mundo empreendida pela metafísica declarará mais tarde: “Fabular sobre um ‘outro’ mundo, que não este, não tem nenhum sentido” (NIETZSCHE, *Crepúsculo dos Ídolos*, A ‘Razão’ na Filosofia, §6), sendo um completo contra-senso falar de algo a que não se possui acesso, e ainda mais elegê-lo como parâmetro de “verdade”. Pois, ao se pretender chegar a esses conceitos puros da razão, não se estaria fazendo outra coisa do que idealizar um mundo fora deste ao qual pertence a sensibilidade – um “mundo inteligível”. Está-se valorizando formas que se remetem a um “outro mundo”, um “além-mundo” de formas puras indeterminadas. A metafísica apenas explicaria o existente como algo imperfeito e em oposição à pretensa retidão da razão e de planos perfeitos a ele sub ou supra existentes, de formas plenas e acabadas.

Mas, as formas da razão e do pensamento são, na compreensão nietzscheana, formas com que se avalia a realidade. Os conceitos do entendimento seriam ferramentas de percepção do real que só poderiam, seguindo sua análise¹, traduzir determinados aspectos do jogo fluídico dos fenômenos não deixando de fazer parte deste mesmo jogo. Fariam parte da mesma ordem do mundo sensível e por isso fariam parte da constituição dos próprios fenômenos. As sentenças e premissas do conhecimento, como juízos, sentenciam algo a respeito daquilo de que falam. Como avaliações determinam, então, uma verdade acerca do que tratam. Mas avaliar é também “ter em conta” aquilo que assim se considera, é estimar. É o dar valor ao que se aprecia com certo interesse, e valoração, ou gradação, é dar-lhe o tom de que se necessita de “realidade”, é intensidade da percepção – é também, então, um tipo de sensibilidade. Na filosofia não se faria outra coisa do que avaliar a realidade, querer determinar sua verdade enquanto o apreciar da própria existência, a própria vida, em sua tonalidade de aparecimento. Agora, se a avaliamos tendo em vista uma ultra-existência, de uma suposta supra-vida, deixamos de estimá-la positiva ou afirmativamente; negamos e depreciamos-la em favor de ideais em si mesmos inalcançáveis. Inalcançáveis pois nada é em si mesmo, tudo faria parte do fenômeno múltiplo da vida e, portanto, nada poderia ser apenas por si mesmo.

¹ Consultar, por exemplo, seu texto “*Sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra-moral*” de 1873.

Através desta noção de totalidade fenomênica da existência é que vemos se delinear uma concepção *trágica* da vida no pensamento nietzscheano; de co-pertencimento de toda sensibilidade e inteligibilidade, de toda verdade e mentira, de toda essência e aparência, de todo bem e mal, e de toda sua indeterminabilidade, fatalismo e necessidade, para a incessante superação das formas da realidade dentro do movimento do tempo, apresentando aí também, então, toda sua precisão, gratuidade e liberdade de manifestação.

Desde o seu primeiro livro, “*O Nascimento da Tragédia*” (1871), Nietzsche contrapõe esta noção de totalidade e co-pertencimento de todas as coisas em constante transfiguração, que ele identifica como uma concepção trágico-dionisíaca do mundo, ao próprio instinto e nascimento da filosofia grega, como busca de um purismo das formas ideais e de sua verdade. Dentro do desenvolvimento deste pensamento, sua concepção acerca dos “conceitos do conhecimento” será a de que eles não passariam de juízos valorativos que tomados em si mesmos não seriam nem verdadeiros nem falsos. Chegará à formulação de que fariam parte de uma “ótica-de-perspectiva da vida”; e, em última análise, com respeito a uma aspiração de “verdade” do conhecimento, estes juízos não seriam mais do que uma “mentira necessária” pois, como afirmará: “sem permitir a vigência das ficções lógicas, sem medir a realidade com o mundo puramente inventado do absoluto, do igual a si mesmo, o homem não poderia viver” (NIETZSCHE, *Além do Bem e do Mal*, §4). Não haveria, portanto, igualdade entre as “coisas”; só podemos dizer que “um” é igual a “um” e “A” é igual a “A” para nós, em nossa imaginação criadora e concepção de entendimento sobre o mundo. E seria essa capacidade de um vir-a-ser de perspectivas, como faculdade avaliativa e criadora de conhecimento no homem, que age sobre o mundo; ela, como impulso de vida que assim devém neste ser vivente, e não nós como agentes do conhecimento. Nós só viríamos a ser a partir deste como acontecimento criativo estabelecedor de “igualdades fictícias” entre as coisas.

Seria este o reconhecimento de uma condição de “inverdade” da vida e do conhecimento; uma condição trágica do viver errante do homem por entre suas “mentiras necessárias”, suas “ferramentas de compreensão e sobrevivência no mundo”. A ciência, ou a razão, toma, nas considerações de Nietzsche, a forma de uma

aptidão e defesa natural do “animal racional”, mas com a qualidade de fábula, de invencionice; assumida como uma ficção realizadora mesma do fenômeno estético da vida; perspectiva interpretativa desdobrada da própria realidade das coisas apresentadas para o homem como totalidade múltiplo-fenomênica do mundo. Neste sentido, Nietzsche afirma na tentativa de auto-crítica daquele primeiro livro: “a existência do mundo só se justifica como fenômeno estético”, dado justamente este fato de que “toda a vida repousa sobre a aparência, a arte, a ilusão, a óptica, a necessidade do perspectivístico e do erro.” (NIETZSCHE, . O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §5). O conhecimento mesmo, re-conhecido como criação, ou ficção criadora, é concebido, então, como transfiguração da vida em multiplicidade de aparências através do homem – na geração de perspectiva. Ela, para se realizar enquanto existência e realidade precisaria vir-a-ser através de si mesma gerando-se como múltiplo aspecto de si. Nunca uma *coisa em si mesma*, seria como uma “divindade imperfeita”, pois tem a necessidade de perfazer-se o tempo todo em per-fecção e vem-a-ser apenas ao transfigurar-se como mundo no transbordamento de si para si mesma, no homem, como um outro. Essa totalidade fenomênica se caracterizaria como aparecimento presentificador de realidade, um vir-a-ser de tudo aquilo que é em um acontecimento estético da vida como existência – um estar já lançada no devir de si mesma como vida no homem que neste vir-a-ser concebe a si mesma através do conhecimento deste, em meio à realidade das coisas e do mundo. Concebe a si mesma como vida e como homem através do conhecimento, seu poder avaliador e gerador de perspectivas sobre si mesma como realidade. Esta é, dessa forma, concebida como uma unidade múltipla de todos os entes, ou multiplicidade a cada vez unificada do acontecimento do mundo, que vem a ser através do piscar dos olhos...

Este fenômeno da vida não obedeceria a nenhuma razão escondida ou verdade fundamentadora de sua realidade, mas seria nada mais do que o próprio dar-se gratuito em totalidade daquilo que é em pura afirmação de si enquanto existência no vir-a-ser através de si mesma aparecendo para o homem, sendo o próprio homem vida que se concebe através do conhecer-se – seu fabular, invencionar, “ficcional”. Na constatação de um fluídico vir-a-ser do fenômeno de mundo como a apresentação constante de realidade para o homem,

surge desta “fenomenalidade presentificadora de existência” a imagem da vida como o vir-a-ser de aparências e, portanto, a sua realidade como fenômeno estético de essencialização do mundo. Sendo o homem a instância na qual todo o processo criador se desenrola, posto que é para ele que o mundo aparece e é o homem quem elabora um conhecimento a partir disso e com ele transforma este processo que vem a ser a partir dele, passa-se a ter uma compreensão estética do fenômeno da realidade como um todo, de cada processo seu e do próprio homem. Mais importante e decisivo ainda, o homem tornado “ser estético” só pode ter tal definição dado seu “agir estético” no mundo, que não é nada mais do que um servir de intermédio em suas ações para a perspectivização da própria vida em seu interpretar, compreender, avaliar a existência. Ser estético do homem através do qual exclusivamente viria a ser todo o processo do vir-a-ser das aparências essenciais de constituição da realidade. Por “estético” aqui se entenda o gerar de perspectivas da realidade, que nada mais é que o dar-se de percepção contínua do mundo como multiplicidade fenomênica e o contínuo transfigurar-se de todos estes elementos em seu relacionar-se no conhecimento humano como configuração compreensiva da experiência de realidade ao apresentar-se para si mesma no homem ao se fazer mundo.

Não haveria, portanto, nenhuma instância pronta, acabada ou dada – nenhum sujeito ou objeto que se inter-relacionam – o homem mais do que instância é o instante de vida se perfazendo o tempo todo, sempre se criando e dando-se existência como acontecimento total e completo de toda relação em seu conhecer. Não precisa chegar a conhecimento algum de coisa qualquer (o que não existe), é já todo conhecimento e relação possível, dado como o próprio acontecimento instante do instantâneo vital de existência configurado esteticamente. Cada instante é já totalidade do existente que assim se dá, mostra, aparece, gera-se em perspectiva criadora – experimenta-se.

Isso é o que descortinamos ou podemos interpretar, também, a partir de afirmações acerca de um novo proceder filosófico que Nietzsche proclama: “– *ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §2). O conhecimento como arte seria, então, uma “arrumação avaliativa” da realidade do mundo através da qual

esta própria realidade assume continuamente sua existência através do homem, como o próprio acontecimento de criação do homem e de seu conhecimento e realidade – pois conhecimento é todo aspecto tomado pela existência. Por isso, Nietzsche dirá mais tarde em seus escritos: “Quando falamos de valores, falamos sob a inspiração, sob a ótica da vida: a vida mesma nos obriga a instaurar valores, a vida mesma valora através de nós *quando* instauramos valores...” (NIETZSCHE, Crepúsculo dos Ídolos, Moral como Contra-Natureza, §5). Mas, dessa forma, os valores de tal arrumação não são mais tomados como valores em uma hierarquia de uma verdade absoluta e em si mesma decomposta em instâncias categóricas de intelecção; são graus de intensidade de aparecimento em uma escala de tonalidades de um mesmo que neles se mostra – a vida –, são reais da pintura da realidade a cada vez assumida como a própria existência para sua realização e aparecimento. Este poder presentificador do aparecimento da vida Nietzsche denomina num primeiro momento “força artística da natureza”, “força plástica”, e depois “vontade de poder” – vontade espontânea de vir-a-ser da própria vida num brotar de si mesma e já sua realização como este dever de poder de aparecimento através de seu desdobrar-se projetivamente nos valores interpretativos do conhecimento humano. Uma vontade que simplesmente devém, portanto, como seu próprio vir-a-ser; poder já de sua manifestação. Vem a ser e assim mostra-se para si mesma: faz-se homem e mundo, conhecimento e perspectiva que são o mesmo de um vir-a-ser que se mostra nesta diferença. Este vir-a-ser é, assim, uma vontade gratuita, não sendo a vontade de alguém especificamente e nem um desejar. É o poder incondicional de vir-a-ser da própria vida que, vindo-a-ser, condiciona-se, como realidade e existência, configuração estética da totalidade fenomênica.

A interpretação que aqui propomos do pensamento nietzschiano é justamente a de que a realidade como totalidade do existente na relação entre homem e mundo é sempre e a cada vez criada dentro desta relação que possui, dessa forma, a tensão de todas as afetividades humanas e de todos os impulsos de constituição das entidades do mundo. Isto, portanto, dá-se sempre em processo, num desenvolver-se e desenrolar-se de um jogo de forças de todo o universo, pois é realidade sendo totalidade do existente não meramente dentro da relação entre homem e mundo, mas “como” esta

própria relação. Assim sendo, no resultado a cada vez alcançado por tais “jogos” teríamos a cada vez uma “arrumação” do mundo que assim se apresenta, e este não passaria desta aparência a cada vez assumida do jogo, não possuindo nenhuma natureza em si, mas apenas o caráter de ser este jogo fluídico. Portanto não seria possível uma única e unânime racionalidade, sendo ainda impossível qualquer racionalidade pura. Isso, que assim se denomina, seria apenas mais uma “arrumação avaliativa” da realidade, constituída inclusive por elementos considerados antagônicos à sua composição, não passando também de um afeto, um sintoma da expressão estética da existência que se forma através e como os próprios valores do olhar humano – poder de sua realização como mundo.

O que é arrumado pelas pretensas “racionalidades” e se apresenta para o homem como a realidade do mundo – seu aparecer – dá-se justamente como concepção e nascimento a cada vez da vida sob um aspecto tomado no conhecer humano. Por isso, esta é uma atividade artística para Nietzsche, pois é uma pintura e um realce de perspectivas que precisamos tomar sob nossa responsabilidade, pois além de compor aquilo que somos em cada dado momento, descortina horizontes futuros. E, uma das perguntas com que nos deparamos dentro do pensamento nietzschiano é exatamente a de que tipo de relação descortinamos para as nossas vidas? Pergunta que se impõe desde uma condição trágica da existência, respondida justamente através de um poder trágico de manifestação artística da vida no homem.

Através da compreensão da tragicidade da vida em Nietzsche vemos emergir o conceber de uma constituição unívoca dos fenômenos do mundo como movimento da manifestação da realidade da vida, de sua vontade e poder que se manifesta como irrompimento de aparências perspectivísticas, que se traduzem em interpretações essencializadas do mundo, que nelas se essencializa – aparece desde o caos e multiplicidade de si mesmo ao se transfigurar no homem. Assim é que, com este vir-a-ser devindo no homem, procuramos ressaltar, como também aponta Eugen Fink, que em Nietzsche: “o problema do ser é recoberto pelo problema do valor.” (FINK, 1988, p. 15); pois todo ser é valor, ou antes, valorar-se, perspectivar-se em grau da existência. É perspectiva, tonalidade, grau de aparecimento essencializando-se – é interpretação perspectivada desdobrando-se

como aparecimento. Como valor de perspectiva é tonalidade de aparência, “gradação e matiz de verdade”; é valor de força do aparecimento da vida a partir do caos e multiplicidade de sua vontade – poder deste aparecimento, aspecto tomado em sua irrupção desde si mesma. Por isso, Nietzsche enxerga na própria vida um valor trágico, um poder trágico de sua realização e aparecimento desde um caos, desde um conflito de vontades. Dessa forma é que também se pode afirmar que:

No fenômeno do trágico percebe a verdadeira natureza da realidade; o tema estético adquire, a seus olhos, a condição de um princípio ontológico fundamental; a arte, a poesia trágica, torna-se para ele a chave que lhe abre a vida essencial (*Wesen*) do mundo. A arte é erigida em *organon* da filosofia. (FINK, 1988, p. 17).

Nietzsche mesmo caracteriza, em oposição a todo aquele esquematismo da razão, a arte como “a tarefa propriamente dita da vida, a arte como sua atividade *metafísica*...” (NIETZSCHE, A VONTADE DE PODER, [A ARTE NO “NASCIMENTO DA TRAGÉDIA”], de 1888, §853) – e nesta o conhecimento seria caracterizado como configuração de um devir, um futuro da humanidade, no homem sempre em superação. Ou seja, a condição trágica do homem e de sua existência é estar lançado em meio a um jogo de impulsos configuradores, de desejos, interesses e vontades, no qual ele precisa lutar pela sua sobrevivência, mas sua morte é inevitável. Ele mesmo assim se arrisca na sua inevitável desventura a se apropriar do mundo criativamente moldando formas de sua vivência através de sua própria força plástica, da configuração de impulsos nele da vida, de seu querer e poder. Esse é o seu ocaso, a tragédia da humanidade – o irromper de si mesma como um caos ao mesmo tempo criador e devorador em apropriação criativa de aparências perspectivísticas – o lançar-se, mesmo diante de seu terrível destino, à criação de belas tarefas em homenagem à vida (pois só a beleza a pode redimir).

O mundo trágico da vontade de poder passa a ser apresentado como um outro de si mesmo no homem em perspectivar-se criativo, e não mais como um estranho oposto e proibido, interditado por uma natureza transcendental. O mundo é agora vir-a-

ser do homem como vontade de poder, lugar de todas as possibilidades e o próprio poder plástico a ser explorado como aquele proceder artístico, pois: “é a arte – e não a moral – apresentada como a atividade propriamente metafísica do homem” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, Tentativa de Autocrítica, §5). “Bem e mal”, “certo e errado”, “verdade e mentira”, “essência e aparência”, são valorações secundárias ao próprio valor de irrupção de sua configuração; são já um não tomar a vida como um todo e desconsiderá-la em sua tragicidade em vistas a um ideal, a alguma conceitualização vazia desprezadora da realidade como força plástica ou vontade de poder – de toda sua sensível perspectivação compreensiva criadora.

A arte é meio do aparecimento da própria vida, exercício de seu poder realizador. Por isso, é pensada por Nietzsche sempre como arte trágica, expressão primordial da vontade de poder da vida, sua força plástica que advém no fazer artístico do homem, percebida apenas nos estados denominados como dionisíacos quando: “O homem não é mais artista, tornou-se obra de arte: a força artística de toda a natureza, para a deliciosa satisfação do Uno-primordial, revela-se aqui sob o frêmito da embriaguês.” (NIETZSCHE, O Nascimento da Tragédia, §1). Este “uno” é aqui a vida, o âmago da natureza e o próprio vir-a-ser de sua força de essencialização estética, “força artística” da própria natureza – seu ser é já o que o uno é, é ser em devir que já se realiza como tal, é um vir-a-ser o que ele já é, natureza. Isso é o que será denominado vontade de poder. É este impulso que se realiza na vida, no querer do homem. Em toda sua realização devém realidade, como ficção, criação, pintura, esculpir-se e perspectivar-se da vida para o próprio homem, no homem mesmo, ao gerar-se em seu agir. Essa posição de artista e obra de arte é condição trágica da existência do homem, e nos revela o fundo trágico da transfiguração da realidade como existência artística plasmadora de formas dentro de seu jogo de impulsos configuradores de forças de aparecimento.

O mundo como totalidade dos processos de desenvolvimento do ente em sua multiplicidade, como pintura de aparências, não apresenta repouso destas forças nem transcendência como concebida pela metafísica, dada a configuração da própria força, que além de tudo é em tensão de forças. A força artística é impulso do ser de um uno primordial, seu próprio ser que é em tensão criadora de

si mesmo como natureza, e que aparecendo vislumbra-se no homem. O existente é em contínuo vir-a-ser, um apropriar-se, corporificar-se, retornar por sobre si mesmo e projetar-se plasticamente em percepções estéticas no homem. Dessa forma é que a vida mesma é ação apropriativa de seu próprio existir em irrupção como aparência, e, dessa forma, é o próprio ser, que é vir-a-ser do ente que ele mesmo é – “O mundo como uma obra de arte que gera a si mesma – –” (NIETZSCHE, *A Vontade de Poder*, §796). Geradora de perspectivas, a arte é a geradora do conhecimento e expressão maior da manifestação da vida, é vontade de poder que realiza sua realidade e se projeta através dela para novos vislumbres.

A relação de tensão do conhecimento entre homem e mundo, como uma disposição de criação artística da realidade, está lançada em meio aos impulsos de constituição da própria vida, os impulsos nos quais ela mesma se desdobra no homem. Estes impulsos descritos a partir de seu irrompimento artístico mais originário são identificados por Nietzsche aos deuses da tragédia grega, Apolo e Dioniso:

Apolíneo, dionisiaco. – Há dois estados nos quais a arte, ela mesma, irrompe no homem como um poder da natureza, impondo-se, queira ele ou não: de um lado, como coação para a visão; de outro lado, como coação para o orgiástico. Ambos os estados também estão presentes na vida normal, apesar de mais atenuados, no sonho e na embriaguês – – – Mas a mesma oposição ainda subsiste entre sonho e embriaguês: ambos desencadeiam em nós poderes artísticos, mas são diferentes: o sonho é o poder do ver, do combinar, do poetar; a embriaguês é o poder do gesto, da paixão, do canto, da dança. (NIETZSCHE, *A Vontade de Poder*, [A VONTADE DE PODER COMO ARTE], §798).

A existência se configura na concepção trágica nietzscheana como um abismo – um “sem fundo” gerador de perspectivas na luta e combinação das forças divinas de configuração artística da realidade entre sonho e embriaguês. Essa contraposição primordial da natureza entre o apolíneo e o dionisiaco é a condição trágica da configuração da relação entre homem e mundo, entre o ver

e o sentido, entre a forma e o devir, entre o movimento e a configuração de força – que são um em sua multiplicidade.

A respeito dessa sua concepção, Nietzsche se declara, exatamente, como entusiasta dionisíaco comentando:

Nesse sentido, tenho o direito de entender-me como o primeiro filósofo trágico – isto é, o extremo oposto e o antípoda de um filósofo pessimista. Antes de mim não há essa transposição do dionisíaco em um *pathos* filosófico (...) (NIETZSCHE, *Ecce Homo*, O Nascimento da Tragédia, §3).

O trágico caracteriza-se, para Nietzsche, como este *pathos*, afecção perspectivística e atitude criadora perante o abismo do caos da existência - o *pathos* trágico da vontade de poder é sua constituição perspectivística como vida, enquanto afecção projetiva plasmadora do mundo. Não é a atitude metafísica otimista e crente em formas lógicas com as quais apenas se desvia o olhar do fundo caótico da multiplicidade fenomênica para fixá-la entre as oposições categoriais. Nem a atitude romântica pessimista que diante da impossibilidade da conceitualização lógica denigre a vida na lamentação nostálgica de um paraíso inalcançável recusando-se a toda configuração do existente. Esta recusa filosófica só caracterizaria sua fraqueza, seu não suportar a tragicidade da vida e a própria força criadora desta – a sua manifestação patológica de uma multiplicidade de afetos, sentidos possíveis do mundo. Mais ainda, ao refugiar-se no otimismo ou pessimismo idealistas, o homem assim recusaria seu próprio poder criador. Recusar este poder seria recusar aquilo mesmo que o homem é: um *pathos* da criação, vir-a-ser de multiplicidade de afetos da criação da vida através de si mesma. Recusando assim seu vir-a-ser, seria o homem a renúncia do próprio destino.

No filósofo trágico este vir-a-ser deverá, então, como a própria concepção artística de um conhecimento perspectivístico; um *pathos* poético-criativo do ente na totalidade, seu caráter de ser como palavra criadora que desdobra a vida em perspectivas de seu sentido de aparecimento, poder de sua vontade – “todo o ser quer tornar-se, aqui, palavra, todo o devir quer que eu lhe ensine a falar.” (NIETZSCHE, *Assim Falou Zaratustra*, Terceira Parte, O Regresso). Assim, este novo homem do conhecimento se vislumbra como oráculo deste poder configurador, pois, como aquele ser que avalia, através

dele é que a vida se desenha, pinta, toma forma e sentido e arruma, esculpe, assim, o mundo e sua própria realidade. Todo pensamento é encarado dessa forma como criação e advento do “ser-ente”, configuração do devir, realidade do mundo, em suas determinações próprias, como estado afetivo ou de tonalidade da própria existência do “homem-mundo”. O homem ao determinar, portanto, o que seja a realidade, ou seu caráter de existência, na verdade a cria, em um proceder avaliativo modelador da própria vida e existência dos objetos. Como este mesmo processo se revela como a existência própria do homem, esta sua vida também se revela como processo de vir-a-ser do mundo que sempre se cria através do homem mesmo, no jogo de conhecimento dele, em sua pintura da realidade, na tonalidade de sua paixão pelo existente, o seu desdobrar o caráter de ser da vida, este “ser inominado” e “abissal”, que se configura desde o próprio caos, irrompe de um sem fundo. Mas que, neste processo, vem-sempre-de-novo-a-ser em múltiplas aparições e múltiplos nomes, formas, de sua realização como mundo “– o teu grande decifrador, ó minha alma, o ser inominado – para o qual somente os cantos futuros encontrarão um nome! E, em verdade, já a cantos futuros recende o teu respiro –” (NIETZSCHE, Assim Falou Zaratustra, Terceira Parte, Do grande anseio) – e sempre recenderá, pois sempre retornará.

Referências bibliográficas

FINK, Eugen. *A Filosofia de Nietzsche*. Lisboa: Editorial Presença, Ltda., 1988.

NIETZSCHE, F. W.. *O nascimento da tragédia: ou Helenismo e pessimismo*. Trad.: Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Aurora: Reflexões sobre os preconceitos morais*. Trad.: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Trad.: Mário da Silva. 12. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Trad.: Paulo César de Souza. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. *Crepúsculo dos ídolos: ou como filosofar com o martelo*. Trad.: Paulo César de Souza. 4. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Trad.: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

_____. *A Vontade de Poder*. Trad.: Marcos Sinésio Pereira Fernandes e Francisco José Dias de Moraes. Rio de Janeiro : Contraponto, 2008.